

O processo de envelhecimento e a atribuição de sentido à vida

Taiane do Nascimento Andrade Boccato

Adriana de Fátima Franco

RESUMO

Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado cujo objetivo foi analisar o processo de atribuição de sentido à vida por idosos. Sendo assim, realizou-se uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com duas idosas, uma senhora de 65 anos de idade, viúva, estudante da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), graduada em Direito e bancária aposentada; e outra senhora de 68 anos, casada, aposentada rural e dedicada aos cuidados da família e da casa. Utilizou-se a técnica do relato oral auto-biográfico. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. Por meio das análises dos relatos compreendeu-se que o sentido da vida na velhice é constituído pelas atividades desempenhadas, ou seja, por meio de suas vivências. E, ainda, à medida que o idoso se apropria dos conhecimentos há a possibilidade de transformação dos significados e sentidos, podendo ampliar sua percepção da realidade. Portanto, para além de um fenômeno cronológico, a velhice aparece como uma síntese da vida vivida e um momento de possibilidades e mudanças.

Palavras-chave: Desenvolvimento; velhice; sentido pessoal

ABSTRACT

The process of aging and attribution of meaning to life

This article is the result of a master's thesis whose objective was to analyze the process of attribution of meaning to life by the elderly. Thus, a field survey was conducted through interviews with two elderly women, a 65-year-old woman, widow, student at the Open University for the Third Age (UnATI), law graduate and retired banker; and another 68-year-old lady, married, retired rural worker and dedicated to the care of family and household. The interviews were recorded in audio, transcribed and analyzed based on the assumptions of Historical-Cultural Psychology, because this theoretical approach understands human development not only as a biological phenomenon, but also as a social, political and economic one. Through the analysis of the reports, it was understood that the meaning of life in old age is constituted by the activities performed, that is, through their experiences. And yet, as the elderly person appropriates knowledge, there is the possibility of transformation in meanings and senses, and they can broaden their perception of reality. Therefore, apart from a chronological phenomenon, old age appears as a synthesis of lived life and a moment of possibilities and changes.

Keywords: Development; old age; personal sense

O aumento da população idosa nas últimas décadas tem sido expressivo em diversos países e em decorrência desse processo assiste-se a mudanças nas estruturas sociais, demográficas, econômicas e culturais a nível mundial. Desta forma, o envelhecimento populacional vem ganhando notoriedade e destaque nas discussões científicas e cotidianas. Faz-se primordial estudar tal fenômeno, compreender suas facetas e nuances para atender adequadamente a população idosa. (Carvalho Filho & Papaléo Netto, 2000; Cesse, 2007; Instituto de Estudos de Saúde Suplementar, 2013; Minayo, 2005; Papaléo Netto, 2002; Reis, 2011; Secretaria de Direitos

Sobre os Autores

T.N.A.B.
orcid.org/0000-0003-3584-4601
Universidade Estadual de Maringá
(UEM) - Maringá, PR
taianeandrade@hotmail.com

A.F.F.
orcid.org/0000-0002-2727-1367
Universidade Estadual de Maringá
(UEM) - Maringá, PR
adriifranco@hotmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



Humanos, 2012; Tolstij, 1989).

Em 2012 o número de pessoas com 60 anos ou mais era superior a 810 milhões, representando 11,5% da população global, conforme apontam os dados apresentados pela Secretaria de Direitos Humanos (2012). De acordo com tais dados, estima-se que nos próximos 10 anos esse número salte para 1 bilhão e que duplique até 2050, totalizando 22% de idosos na população mundial. No Brasil, no ano de 2012, somavam-se 23,5 milhões de brasileiros idosos (Brasil, 2010). No entanto, para além de uma análise quantitativa, o que os números representam é uma alteração em toda estrutura etária do país, trazendo modificações no setor previdenciário, econômico, social e de saúde e ampliação de uma camada da população que necessita demandas específicas.

Com o objetivo de compreender como a velhice, na contemporaneidade, é retratada na literatura científica nacional, Facci e Reis (2016) realizaram um levantamento acerca da temática nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES e nos artigos disponibilizados pela Scientific Electronic Library Online (SciELO) em dois bancos de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade de Campinas (Unicamp). Os resultados da pesquisa realizada pelos autores apontam que os estudos predominantes sobre a periodização do desenvolvimento humano atribuem à infância o caráter decisivo e determinante para os anos seguintes e consideram a vida adulta e a velhice um momento sem mudanças significativas, apenas como continuidade dos anos já vividos (Facci e Reis, 2016; Reis, 2011). Tal perspectiva, ao entender a velhice somente como subsequente a fases anteriores, relega à velhice um lugar comum, no qual não há a necessidade de estudos específicos e um olhar pormenorizado.

Tradicionalmente, no saber psicológico, a velhice enquanto período do desenvolvimento humano vem sendo entendida hegemonicamente por um viés idealista que naturaliza os processos que são também sociais e culturais (Reis, 2011). Isso implica em uma generalização do envelhecer e incorre no equívoco de uma análise parcial do fenômeno, apreciando apenas aspectos biológicos e cronológicos desta fase. Ao contrário, a abordagem teórica da pesquisa de dissertação apresentada neste artigo ressalta o caráter contínuo e propulsor do desenvolvimento humano, sendo a atividade social o motor para as mudanças, portanto, parte-se do pressuposto de que a velhice é uma construção social e não um processo puramente biológico, mas determinado por condições sociais, econômicas, políticas, culturais e também biológicas (Andrade-Boccatto, 2016).

Diante disso, desenvolveu-se uma pesquisa cujo objetivo delineou-se em compreender como ocorre o desenvolvimento na velhice e quais processos estão engendrados na atribuição de sentido à vida neste período. Quanto ao sentido,

Vigotski (2009) postulou que o sentido é aquilo que é especificamente humano no homem, isto é, a capacidade de criar e produzir as suas condições de existência e se autoproduzir. Na mesma direção, Leontiev (1978) afirma que sentido é a relação que se cria na vida, na atividade do sujeito, ou seja, está relacionado diretamente com a atividade e a consciência humana. Por este prisma o idoso é retirado da condição passiva de seguir vivendo a continuação das fases antecedentes, sendo percebido como autor e produtor da própria existência, mediante as condições materiais e objetivas que lhes são oferecidas.

Vigotski (2000, p. 67) afirmou que “o movimento real do processo de desenvolvimento do pensamento não se realiza do individual para o socializado, mas do social para o individual”. Assim, para este autor, a cultura é a matéria prima para o desenvolvimento humano, apropriando-se da cultura os indivíduos passam a fazer parte do mundo e por meio do processo educativo o homem se desenvolve. Esse processo se dá de forma ativa e não mecânica e pode ocorrer em todos os momentos da vida, seja na infância, adolescência ou velhice. É na relação do homem com o contexto social que esse processo se constrói e, ao mesmo tempo, é determinado pela singularidade de cada indivíduo.

[...] embora cada sujeito possa atribuir significado à sua vida e ao mundo, a individualidade e a subjetividade continuam ligadas à objetividade, ou seja, ao contexto sócio histórico. Assim, a individualidade do homem só pode existir no social, sendo produto de suas relações sociais e das formas a partir das quais elas são por ele elaboradas. (Meira, 2011, p. 116).

Compreende-se, assim, que o psiquismo e a consciência estão em constantes transformações de acordo com as atividades desenvolvidas pelos homens, independentemente da idade em que se encontra. Desta forma, “devemos considerar a consciência (o psiquismo) no seu devir e no seu desenvolvimento, na sua dependência essencial do modo de vida, que é determinado pelas relações sociais existentes e pelo lugar que o indivíduo considerado ocupa nestas relações” (Leontiev, 1978, p. 89). O desenvolvimento humano não acontece de forma linear, seguindo o que já foi estabelecido nas fases anteriores, mas é uma continuação em nova direção; mantém a conexão com o processo antecedente mas não segue, necessariamente, na mesma direção; é dependente da estrutura da sociedade, pois é esta estrutura que possibilitará ou não o acesso ao conhecimento e à cultura. De acordo com os pressupostos desta abordagem, não é possível negar a existência do fator biológico no processo de desenvolvimento, contudo, a vivência e percepção de cada momento são produzidos no contexto social e político de determinado momento histórico.

Em se tratando dos estágios do desenvolvimento humano, Facci (2004, p. 76) destaca-se que eles dependem das condições concretas nas quais ocorre o desenvolvimento. As condições histórico-sociais concretas exercem influência tanto sobre o conteúdo concreto de um estágio individual do desenvolvimento como sobre o curso total do processo de desenvolvimento psíquico como um todo.

Portanto, para compreender o processo de envelhecimento há que se analisar os condicionantes históricos e sociais. Neste sentido, na obra de Tolstij (1989) e na de Reis (2011) é mostrado que a velhice ocupou papéis antagônicos em cada momento histórico e em cada cultura. O primeiro autor afirmou que “a velhice é idade mais paradoxal e contraditória” (Tolstij, 1989, p. 198), pois em algumas sociedades a velhice estava associada à morte, decrepitude, ao mal e às perdas, entretanto, em outras, era concebida como um momento de sabedoria e respeito.

De acordo com Tolstij (1989) as tentativas da humanidade de comparar o mundo da infância com a velhice datam desde a mitologia, isto porque a infância representa o amanhecer da vida e a velhice o crepúsculo. Tais períodos do desenvolvimento são permeados por contrastes, porém, compartilham de algumas características. Para Tolstij (1989, p. 201) a principal semelhança entre a infância e a velhice é que “tanto a criança como o velho tomam consciência de sua posição na sociedade e no mundo mediante sua comparação com a pessoa madura”. A criança está artificialmente separada da realidade por meio das instituições de socialização, como a escola, instituições de cuidados e outros e por mais importante que seja o trabalho de desenvolvimento nas etapas mais precoces da ontogênese os objetivos do indivíduo só são vistos na vida adulta, nas ações e nos fatos praticados. Assim também, o velho está separado da realidade, pois perde sua capacidade de trabalhar, é acometido de doenças, debilidades e muitas vezes, é institucionalizado (Tolstij, 1989).

Na mesma direção, Reis (2011) aborda as diferentes concepções de velhice ao longo da história da humanidade. Segundo o autor, na Grécia antiga a velhice na população de escravos estava associada ao castigo e não descendia de Eros, a força do amor, pois naquela sociedade os homens eram valorizados por sua força física e capacidade de guerrear. Assim também, apresentava-se a concepção de velhice do poeta egípcio Ptah-Hotep que afirmou ser penosa a vida de um ancião e ser a velhice a pior desgraça que poderia acontecer. Entretanto, para Platão, a velhice estava associada à liberdade e à paz. No Império Romano a velhice remetia ao momento da vida de responsabilidade e sabedoria, eram atribuídos aos anciãos cidadãos (não escravos) os cargos importantes no senado (Reis, 2011).

A velhice esteve também associada à sabedoria na soci-

idade hebraica, uma vez que o idoso era percebido como uma pessoa abençoada por Deus. Contudo, com a queda do Império Romano e a ascensão do Cristianismo, a velhice passou a ser associada à decrepitude, feiura e ao pecado. De acordo com Tolstij (1989, p. 198), o líder do protestantismo Martin Lutero sentenciou sombriamente este período: “a velhice é a morte em vida”.

Reis (2011) menciona que no final da Idade Média e no período do Renascimento houve o início da valorização do corpo belo e jovem, e, para evitar o envelhecimento, iniciou-se a utilização de diversos métodos de rejuvenescimento como, por exemplo, o uso de medicamentos. Tais métodos, juntamente com a revolução industrial, com o êxodo rural e as descobertas científicas, contribuíram para o aumento da expectativa de vida. Este período histórico, apesar de proporcionar avanços tecnológicos, foi marcado por dificuldades para a população idosa, que não podia parar de trabalhar e dependia das famílias para receber o atendimento que necessitavam. Muitos idosos foram abandonados nas ruas, hospitais ou asilos (Reis, 2011).

A partir do século XX a expectativa de vida passou a aumentar expressivamente e os indivíduos passaram a ter suas vidas prolongadas por mais 15 a 20 anos, ou seja, aproximadamente um quarto da vida vivendo a velhice. Tolstij (1989) menciona que, em sua época, a visão sobre a velhice mudou radicalmente e isso afetou também o desenvolvimento da consciência das pessoas com idade avançada, por exemplo,

Na URSS se fazia muito pelo bem estar social do idoso, para que o homem jubilado pela idade e pelos anos de serviço não viva como uma pessoa ‘privada de apoio’ e não se sinta ‘que não é necessária’ para a sociedade. (p. 202).

O autor defende que o fim da vida laboral não significa o fim da vida social, pois a pessoa idosa pode participar e contribuir na medida de suas possibilidades. O mesmo autor considera que a sabedoria adquirida por meio das experiências vividas ao longo dos anos é uma característica central da velhice e não deve ser subvalorizada: “a experiência individual não é simplesmente a recordação do passado; é a capacidade de orientar-se rapidamente no presente utilizando a experiência pessoal e outros, como fatos repetíveis e os conhecimentos adquiridos” (Tolstij, 1989, p. 204). Portanto, o indivíduo que vivencia a velhice possui algo que somente a experiência pode ofertar.

MÉTODO

Com o intuito de apreender como ocorre o desenvolvimento na velhice e quais processos estão engendrados na atribuição de sentido à vida neste período, realizou-se uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas, na qual os dados obtidos foram analisados a partir dos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural. Cabe destacar que os relatos não seguirão a sinalização específica de um relato falado, mas uma transcrição dos mesmos. Buscou-se compreender os relatos das entrevistas a partir do movimento constitutivo de suas histórias de vida, partindo do princípio explicativo de que os fatos devem ser analisados historicamente, a partir do contexto social em uma materialidade concreta e objetiva. A interpretação dos dados pautou-se na análise da realidade, recuperando a historicidade e buscando superar os determinismos biológicos que estancam as possibilidades de mudança do que está posto.

Verifica-se que é o aporte materialista dialético que sustenta as explicações do psiquismo em sua concretude como unidade contraditória de estrutura orgânica e imagem do real. Ou seja, que aponta o caminho metodológico requerido à superação do dualismo entre matéria e ideia, entre corpo e mente e, conseqüentemente, para o estudo das bases concretas (cérebro/objetos) e abstratas (ideias) nas quais radica o psiquismo humano em seu desenvolvimento cultural. (Martins, 2011, p. 37).

Portanto, o olhar histórico possibilita compreender como as experiências da vida e o que decorre dessas vivências, como os sentimentos, percepções, crenças, valores, etc. se originam a partir das necessidades reais e concretas, superando, assim, a visão de que eles sempre existiram e continuaram a existir do mesmo modo.

PARTICIPANTES

Duas idosas participaram da pesquisa, a escolha dessas participantes ocorreu levando em consideração a idade (acima de 65 anos) e a disponibilidade para contribuir com a pesquisa.

Juraci (nome fictício), 65 anos de idade, viúva, mora sozinha, é estudante da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), graduada em Direito e bancária aposentada e foi indicada para participar da pesquisa pela secretária da UnATI. Foi por meio da Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) que Juraci encontrou um mundo de possibilidades que contribuíram de maneira decisiva para uma transformação em sua vida. Como aluna da UnATI ela cursa semanalmente aulas de Inglês, Psicologia, Informática, Educação Física, Coral, aula de 'Equilíbrio Corpo e Mente', aula de 'Doenças relacionadas à Terceira Idade', faz acupuntura, fisioterapia e

participa, como voluntária, de diversas pesquisas. Busca se empenhar ao máximo nas atividades que desenvolve e as fazer da melhor forma possível, é crítica e exigente consigo e com seus pares. Demonstra-se correta e justa e espera que todos ajam assim.

A outra participante da pesquisa é Dona Rosa (nome fictício) uma senhora de 68 anos, aposentada, não letrada, mora com o seu marido de 80 anos e se define como uma mulher de muita fé em Deus. Ela e o marido vivem em uma cidade de 7 mil habitantes.

INSTRUMENTOS

Mediante o consentimento das participantes, para a coleta dos dados utilizou-se duas entrevistas abertas, que foram gravadas em áudio (com gravador simples), transcritas e analisadas sob o prisma do Materialismo Histórico Dialético. As duas idosas foram entrevistadas duas vezes, cada entrevista teve duração média de 1 hora. O local das entrevistas foi acordado com as participantes conforme suas solicitações; sendo assim, uma das idosas foi entrevistada nas dependências da UnATI e a outra idosa em sua própria residência.

A primeira entrevista objetivou obter as histórias de vida por meio do relato oral autobiográfico - instrumento de coleta de dados definido como: "a apreensão da dialética subjetividade-objetividade partindo da maneira como o próprio indivíduo (re)produz de forma descritiva sua história ou, sua biografia" (Martins, 2001, p. 133). Deste modo, foi pedido às participantes que relatassem como vivenciaram a infância, os estudos, o trabalho, as relações familiares, a vida adulta e como tem sido a velhice. Na segunda entrevista o foco dirigiu-se à realidade atual, tal como qual a concepção de velhice, quais suas atividades diárias e a convivência em sociedade.

CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

As entrevistas seguiram as orientações do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá e foram realizadas mediante autorização concedida pelo parecer nº 783.828, data da relatoria: 11/08/2014.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Juraci (nome fictício), uma das idosas entrevistadas, é descendente de orientais e relatou que a valorização dos estudos sempre fora uma prioridade de seus pais que, assim, buscaram formas de oportunizar o acesso ao conhecimento. Ainda no início da escolarização Juraci se destacou nos estudos, "eu tinha que me impor... gorda, baixinha e japonesa,

entendeu? Pobre. Eu percebi que psicologicamente eu precisava me destacar em alguma coisa. Não é que eu era a mais inteligente, mas eu me esforçava muito". E se graduou em Direito pela Universidade Estadual e passou em concurso bancário, onde trabalhou até se aposentar. Juraci teve uma criação rigorosa e rígida: "tudo o que se tinha que fazer era perfeito. [...] Tudo na perfeição". Se ela ou os irmãos pegassem algo que não fosse deles, mesmo achado no lixo, eles apanhavam até verter sangue. Ela internalizou essa rigidez: "eu me cobro muito" e até hoje ela se percebe fazendo o mesmo movimento em busca de se destacar, de ser a melhor.

O relato da infância e juventude de Juraci é permeado pela apropriação de regras sociais que foram construindo o seu modo de viver e conduzindo seu comportamento à determinada direção, sua forma de pensar e, assim, constituindo um sentido pessoal. De acordo com a cultura a qual Juraci foi criada, a mulher para ser honrosa deveria sair de casa somente casada com um homem da mesma etnia. Apesar de ter tido a possibilidade de estudar e cursar uma faculdade, não tinha permissão para escolher seu parceiro. Juraci rompeu com essa regra social e foi agredida fisicamente pelo pai, mas não revidou.

Desde a infância, no contexto que ela viveu, a mulher ocupava um lugar de submissão. Adiante Juraci conta como a submissão feminina foi internalizada por ela, passando a constitui-la enquanto ser humano e dando contornos a sua conduta consigo e com a sociedade.

Em decorrência de situações de enfermidade na família, durante a maior parte da vida adulta Juraci precisou abster-se da própria vida em detrimento dos cuidados com os seus familiares. Ela relata o quanto a sua existência foi marcada por submissão ao pai, à mãe ou ao marido, obrigações sociais e culturais, sofrimentos, cuidados com os outros, ou seja, ela viveu muito em função de terceiros, abstendo-se da própria vida e internalizando estes modelos de relações.

Por diversos momentos durante as entrevistas ela verbalizou que ainda age como se a mãe fosse brigar com ela, por exemplo. Minayo (2005) apresenta relatos de idosos com histórias semelhantes, as quais viveram em função do marido, dos filhos, dos netos e ao chegar à velhice e olhar a trajetória de vida se questionaram: 'o que fiz para mim e por mim?'. Neste momento de indagação existe, para alguns, a possibilidade de buscar realizações pessoais, enquanto que para outros o caminho é de continuidade do padrão vivido e já estabelecido.

Larguei tudo para cuidar dos três doentes. Eu passei a vida assim, cuidando de doente, de dia eu tentava trabalhar e a noite cuidava deles porque não tinha como pagar. Aí eu fui comendo, comendo, comendo e engordei. Cheguei a pesar 116 quilos, tive três isquemias, uma trombose e um infarto, aí eu decidi fazer alguma coisa.

O trecho da entrevista mencionado acima demonstra que Juraci viveu maior parte da vida em função de outras pessoas, ora correspondendo às expectativas da família oriental tradicional, ora realizando ações cujos motivos não eram geradores de sentido. Contudo, tais experiências da realidade objetiva e material na qual Juraci cresceu, bem como as relações sociais que constituíram suas vivências, a tornaram uma mulher forte, resiliente e determinada.

Ao chegar no período da vida caracterizado como a velhice e se perceber sem as obrigações familiares, já que seus entes haviam falecido, decidiu prezar por sua liberdade e buscar viver para si mesma intensamente, aproveitando as oportunidades que a vida lhe oferece e buscando seu desenvolvimento pessoal. De 1994 a 2009 dedicou-se exclusivamente aos cuidados para com outras pessoas, mas desde então decidiu realizar seus sonhos e viver para si mesma. Optou por um estilo de vida prático, ativo e independente. Em sua casa não tem móveis, pois assim poupa tempo em limpá-los, os poucos móveis que restaram ela os deixa cobertos com pano PVC e os troca quando estão empoeirados.

Eu desenvolvi uma coisa para facilitar a minha vida. [...] Criticam? Criticam! Os parentes vem aqui: "ah, aqui não tem conforto". Eu falo: "você quer conforto? Fica na sua casa!" Eu falo dando risada, antes eu sofria com essa agressão, hoje não. "Nossa a sua casa é bagunçada". "A sua não é? Então fica lá porque eu nem na minha casa eu fico". Tem hora que eu não sei onde estão as coisas. "Minha casa é suja? Então não venha comer aqui! Porque eu como e estou resistente". [...] Eu tenho que ter uma vida prática. Por isso tenho todo tempo do mundo. (Juraci).

Uma perspectiva distinta sobre a velhice foi apresentada a partir do relato obtido na entrevista de Dona Rosa, uma senhora de 68 anos, aposentada, que mora com o seu marido de 80 anos e se define como uma mulher de muita fé em Deus. Ela e o marido vivem uma vida tranquila em uma cidade de 7 mil habitantes, no noroeste do estado. Dona Rosa começou a trabalhar cedo, na roça, não teve estudos e aos 55 anos se aposentou e "já não precisou mais eu sacrificar aquela vida que eu sacrificava" (acordando de madrugada para trabalhar no sol o dia todo). Hoje, dedica parte do seu tempo aos cuidados de casa e auxiliando sua família tanto com cuidados domésticos como cuidando do bisneto. Ela se considera uma pessoa feliz: "está tudo na paz, graças a Deus. Eu me sinto muito feliz, muito, muito".

Dona Rosa é a mais nova de 12 filhos; quando nasceu, apenas dois de seus irmãos ainda eram solteiros e moravam com os pais. Ela cresceu na roça, relata que não havia tempo para brincadeiras e tão pouco para os estudos: "de pequenininho já ia com a mãe pra roça, já começava a trabalhar, já ia cuidar de casa. Ninguém via falar em escola, ninguém". Desde os 10 anos de idade Rosa precisou trabalhar. Seus

pais tocavam uma lavoura, cada filho tinha uma função e a de Rosa era cuidar da alimentação, cozinhando e levando o almoço e o café para os trabalhadores. Durante toda sua vida trabalhou no campo.

Ao falar da infância reconhece que eram tempos difíceis, de muita pobreza, mas Dona Rosa se esforça para atribuir um sentido positivo sobre tudo o que viveu:

Você sabe que a vida de primeiro era mais difícil, né?! Criou a gente tudo na roça, não pode dar estudo porque sempre longe da cidade. A gente nem via falar de professora naquele tempo. Mas a gente era feliz. Ele nunca deixou faltar nada dentro de casa.

Apesar de não ter tido acesso à escola e não ter sido alfabetizada, ela realiza as atividades cotidianas sem dificuldades, como ir ao mercado, pagar contas e fazer os serviços domésticos, e faz questão de deixar claro sua gratidão a Deus por tudo o que tem. O que se percebe constantemente no relato de Dona Rosa é uma conformação com as privações que a falta de oportunidades na vida acarretou. E, sendo assim, ela não questiona as limitações impostas ao seu desenvolvimento, encara de forma natural o fato de ter sido privada do acesso ao conhecimento.

Aos 19 anos Rosa casou-se com Romeu (nome fictício), os dois continuaram trabalhando na lavoura e construíram a vida também na roça. Dois anos após o casamento tiveram a primeira filha, após oito anos Dona Rosa deu à luz ao seu segundo filho, no entanto, ele morreu durante o parto. A senhora contou que teve muitas complicações nos dois pós-partos:

Então e daí pra cá eu tive que operar e não pude ter mais, porque todos os dois eu quase morri. Esse da menina eu fiquei 19 dias no hospital e o doutor não dava nada por mim. [...] Daí depois que eu saí do hospital eu ia a cada 15 dias fazer curativo porque ficou inflamado a operação, vazando. (Dona Rosa).

Depois da segunda gestação, precisou ser operada e não pode mais ter filhos. Até hoje a família não sabe dizer qual foi a causa da morte do filho. Eles desconfiam de erro médico, mas preferiram não prolongar o sofrimento e, portanto, não investigaram. Para encarar esse momento de dor e sofrimento a família encontrou na religião o conforto necessário.

Eu pedi pra Deus não deixar eu ficar preocupada com essas coisas assim. Eu falei: "ah Deus sabe que eu tenho outra filha pra criar, eu tendo saúde pra criar a outra". Porque eu ia fazer o que? Você sabe que se a gente fosse dar queixa e tudo, a corda arrebenta pro lado mais fraco. Então, nosso juiz, nosso advogado está lá [aponta para o céu], Ele sabe o que faz. Eu falei que quem sabe esse menino ia ter uma sina ruim e ia ser triste pra mim e Deus revogou isso?! Então, tem hora que a gente não pode falar nada, né?! Tem que ficar quieto porque Deus sabe o que faz, quando Ele leva uma vida é porque ele sabe o que vai

passar. E muitas vezes, ao invés de trazer felicidade pra família traz tristeza, né?! Porque eu vejo passar na televisão esses meninos com droga e os pais chorando, eu falo que eu não suportava uma coisa dessa, é triste. Então, Deus fez tudo direitinho. Filho homem é mais duro da gente segurar, então eu falo assim que tudo que Deus fizer pra mim está bom. [...] É porque Deus quis. E se Ele levou, Ele levou e deixou uma pra mim. Então está bom. (Dona Rosa).

A minha menina foi uma menina muito querida, não me deu trabalho na juventude, não me deu trabalho depois de casada, sempre na igreja, estudou, passou tudo sem ter nota vermelha, então eu sou grata a Deus porque Deus abençoou bastante. Meus netos também são muito queridos. Até aqui eu não tenho o que reclamar da vida. (Dona Rosa).

É perceptível no discurso de Dona Rosa que ela encontrou o consolo por meio da crença em Deus, assim, não se permite reclamar ou questionar o que aconteceu em sua vida, mas busca agradecer e olhar por uma perspectiva positiva. A senhora afirma que se aconteceu dessa forma é porque estava nos planos de Deus e que acredita ter sido um livramento de um sofrimento maior, uma vez que, segundo sua compreensão, filho homem é naturalmente mais difícil de 'segurar'. Esta crença de Dona Rosa nos remete a um ponto relevante a ser analisado: a naturalização dos papéis do homem e da mulher.

Quando ela se refere à morte do filho e à conformação advinda da crença de que os homens dão mais trabalho porque saem mais de casa, demonstra que da filha mulher é esperado o comportamento mais docilizado e de cuidado familiar. Tais expectativas em relação ao comportamento masculino e feminino, conforme pontuado por Safiotti (1987), são construídas socioculturalmente; no entanto, sabe-se que o comportamento tanto do homem como da mulher não estão predeterminados, mas dependerão do contexto, das mediações e das atividades realizadas por eles.

Dona Rosa atribui à sua família o principal motivo gerador de sentido à sua vida. Considera-se uma pessoa feliz por ter bons relacionamentos com os familiares: "Graças a Deus é uma benção a minha família. Eu vejo muita gente reclamando de família, mas eu, só se for daqui pra frente porque até aqui não deu pra reclamar". Dona Rosa, assim como Juraci, cuidou dos pais até eles falecerem. Sua mãe ficou acamada e perdeu a visão, dependia da filha para todas as atividades, mas para Dona Rosa esse era o seu dever e obrigação como filha mulher. Por ser a filha mais nova e mulher, entendia como obrigação cuidar dos pais e em nenhum momento demonstrou questionar esse papel ou pedir ajuda para algum de seus 11 irmãos.

Anteriormente, neste texto, foi elucidado que os sentidos que atribuímos à existência advém da relação entre as atividades que realizamos e os motivos que nos levam a

realizar tais atividades. Quanto maior a consciência dos motivos que nos levam a agir, maior a possibilidade de domínio sobre nossas escolhas. Em contrapartida, os indivíduos que vivem sem questionar, realizando atividades já predefinidas pela cultura e correspondendo passivamente às imposições sociais estão mais sujeitos a alienação e adoecimento.

Com a aposentadoria, Dona Rosa pode se dedicar mais aos cuidados familiares, o que lhe é motivo de grande satisfação. Antes, quando trabalhava na roça precisava sacrificar-se acordando muito cedo e retornando para casa ao final do dia. Agora, aposentada, sua principal atividade é cuidar de seus afazeres domésticos, auxiliar a filha, o neto e demais familiares, fazer bombons para vender e frequentar a igreja evangélica com muita assiduidade.

Eu faço uns bombonzinhos pra vender, pra entreter, né?! A gente ficar muito parado fica doente, né?! Então eu faço uns bombonzinhos pra vender, vou lá na minha sobrinha passar roupa pra ela, vou lá na [nome da neta] e passo pra ela também porque é duro achar uma pessoa pra zelar da casa, né?! Então é assim. Quando eu não estou boa eles deixam, não quer que eu mexo. (Dona Rosa).

Satisfeita com a vida do jeito que está, Dona Rosa não tem grandes planos ou ambições para o futuro. Sua única preocupação é ser salva por Deus, mas isso não está sob o seu controle uma vez que ser salva depende da vontade do Pai, como descrito em seu relato abaixo:

Eu falo pro genro assim, ele pergunta: "você nunca pediu pra Deus coisa assim grande?", eu falo: "não, sempre eu pedi pra Deus saúde, convivência boa com a família e não faltar o pão de cada dia". [...] Eu só penso assim, sempre falo com Deus assim: "Senhor, se eu tiver alguma coisa que me impede a minha salvação me alerta antes do Senhor me levar porque eu quero ser salva". É a única coisa que eu peço pra Deus. (Dona Rosa).

Ao ser questionada se sente dificuldades por ser idosa ou se sofre algum tipo de preconceito em seu convívio na sociedade, ela afirma que não há qualquer obstáculo em ser idosa e que nunca recebeu nenhum tratamento diferenciado. Ao contrário, ela menciona ser muito querida na pequena cidade onde vive, quando não consegue ir ao mercado, por exemplo, o dono do mercado leva as mercadorias até a sua casa. Disse ela: "olha minha filha, eu não tenho o que reclamar não. Não. Eu vou no posto, sempre fui bem recebida, quando internei no hospital fui bem tratada. Então eu não tenho do que reclamar dos médicos, dos enfermeiros, sempre me receberam bem".

Diante da história de vida de Dona Rosa, o que se percebe é que esta senhora não teve acesso ao conhecimento formal, nem na infância e nem na vida adulta; se conformou com o pouco que teve e se apegou à religião para encontrar conforto

em sua vivência. Durante a infância e vida adulta sua atividade principal foi a do trabalho, um trabalho árduo e sofrido na roça. Ao se aposentar ela afirma que não precisou mais se sacrificar e passou a fazer o que gosta: cuidar da família e da casa. Hoje, aos 68 anos Dona Rosa tem uma rotina preenchida por afazeres domésticos, cuidados com o neto e o bisneto, além de ajudar outros parentes com os serviços de casa, fazer bombons para vender e participar ativamente de uma igreja evangélica.

Para Dona Rosa, não existem dificuldades relacionadas à velhice; seja em casa ou na sociedade, ela não encontra nenhum obstáculo ou preconceito em relação ao momento que está vivenciando. Por viver em uma cidade pequena do interior e por não ter tido acesso ao conhecimento sistematizado, parece que as contradições da sociedade desigual e segregacionista em que vivemos passam despercebidas por ela, havendo uma tendência a naturalizar os acontecimentos.

Não há como negar que as origens da vida consciente e do pensamento abstrato estão submetidas às condições de vida social e às formas históricas de vida da espécie humana. Nesse sentido, as duas histórias de vida mencionadas acima apresentam processos de envelhecimento distintos, como também, os sentidos atribuídos à velhice. As funções psíquicas superiores, tais como a percepção da realidade, a capacidade de análise, atenção voluntária, entre outras, são mediadas principalmente pela linguagem e pelo pensamento conceitual, sob sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis, uma vez que apropriam conceitos e signos originários da vida social do homem, isto é, da realidade que vive. Contudo, por ser eminentemente um ser social vivendo em uma sociedade capitalista, a maioria dos homens tem se constituído de forma alienada e fragmentada, desprovido das condições necessárias para uma existência digna e integral.

De acordo com Leontiev (1978), é por meio do desenvolvimento da consciência que o homem adquire a possibilidade de auto observar-se e distinguir a realidade objetiva do seu reflexo subjetivo, ou seja, o ser humano passa a ter a capacidade de perceber a realidade objetiva exterior e como ela é refletida internamente, podendo assim, buscar mudanças para alcançar modos mais plenos de existência, tornando-se cada vez mais um construtor ativo de sua própria existência.

A história de Juraci é um exemplo de como o desenvolvimento da consciência propicia uma mudança da realidade, pois ela relata uma significativa transformação de vida a partir das experiências e atividades desenvolvidas durante o período da velhice, principalmente com a participação na Universidade Aberta à Terceira Idade. Juraci teve a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e alterar seu modo de pensar e de se relacionar com o mundo, obtendo maior satis-

fação em viver. Assim, passou a realizar atividades que atribuíram sentido mais pleno à sua existência. Durante sua juventude e vida adulta atendeu aos outros, cuidou dos doentes, dedicou-se intensamente aos trabalhos voluntários, mas se alienou de si mesma e quando se percebeu já não se reconhecia. Contudo, a partir da atividade de estudo pôde mudar sua história e trilhar um novo rumo em direção ao autoconhecimento.

Desta forma, o indivíduo, jovem ou idoso, a partir do momento em que se apropria de novos saberes concomitantemente tem a possibilidade de reestruturar suas funções psíquicas superiores e ampliar sua consciência, passando a se perceber de forma diferente no mundo (Leontiev, 1978). À medida que Juraci passou a ocupar novos lugares e ampliou suas relações sociais, que determinavam o modo de se relacionar com o restante do mundo, pôde alterar a estrutura de sua consciência e mudar sua forma de ser e estar no mundo. Asbhar (2011) pontua que “o processo educativo que gera desenvolvimento psíquico é aquele que coloca o sujeito em atividade, ou seja, gera no indivíduo motivos, ações, finalidades e operações para aprender” (p. 77).

No caso de Dona Rosa, a velhice aparece mais como uma continuidade da vida, sem profundas modificações e transformações em relação aos anos anteriormente vividos. Ela sente-se feliz, realizada, grata a Deus por tudo o que tem e considera sua família o maior tesouro. O sentido da vida para Dona Rosa está em servir a família com as atividades que realiza, seja cuidando do bisneto, limpando a casa da sobrinha ou lavando as roupas da filha. E, nesta direção, o seu processo de envelhecimento possibilitou melhores condições de vida (com o advento da aposentadoria) para o exercício das atividades que lhe possibilitam a construção de um sentido positivo ao momento que vive.

Destarte, a história de vida desta senhora nos apresenta uma pessoa que teve poucas oportunidades de ampliar seus conhecimentos e revolucionar seu desenvolvimento, continuando a viver como sempre fora criada: servindo e cuidando dos outros. Ela não teve acesso à educação formal, não foi alfabetizada e continuou exercendo suas funções domésticas, sem grandes alterações nas atividades que desempenhou ao longo de sua vida na roça. Destaca-se aqui a importância dos direitos conquistados que permitiram à Dona Rosa a aposentadoria e com ela uma qualidade de vida melhor e a necessidade de ampliação das possibilidades de desenvolvimento em todos os momentos da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nos aponta que o desenvolvimento não cessa na primeira infância, nem na vida adulta, contudo,

este é um processo dialético, diretamente relacionado à atividade do indivíduo no mundo. Reafirma-se a vivência enquanto atividade principal da velhice e a premissa apresentada por Tolstij (1989) de que a sabedoria adquirida por meio das experiências vividas ao longo dos anos é uma característica central da velhice e não deve ser desprezada. Em sintonia com a teoria que fundamenta esse trabalho, as duas histórias reafirmam o psiquismo enquanto unidade material/ideal e apontam que o acesso às atividades geradoras de sentidos possibilitam aprendizagens que se transformam em ferramentas do psiquismo.

Há ainda que modificar a concepção hegemônica de que a velhice é o período de improdutividade e espera da morte, pois a partir dessa ideologia justifica-se o não investimento nessa população em termos de recursos intelectuais e culturais. Foi possível também identificar processos de envelhecimento distintos. De um lado, a chegada da velhice apresentou uma revolução de vida, novas relações, novo modo de ser e estar no mundo; e de outro, uma continuação dos anos já vividos.

A importante contribuição da Psicologia Histórico-Cultural é apresentar o desenvolvimento humano como um processo contínuo e ilimitado, entretanto situado historicamente. Sendo assim, é possível compreender a velhice como um momento em que o desenvolvimento também acontece e, portanto, aos idosos devem ser oferecidas condições para que tal processo ocorra. Entendendo que o sentido da vida na velhice é constituído pelas atividades que se desenvolve, faz-se necessário, então, oportunizar que os idosos realizem atividades nas quais o motivo da ação esteja vinculado internamente com o resultado de suas atividades, sendo possível atribuir sentido à sua existência.

Para além dos aspectos biológicos e cronológicos, que comumente são os únicos referenciais usados para definir a velhice, este estudo apresenta uma fase complexa e rica em possibilidades de desenvolvimento. No entanto, todas essas possibilidades não estão garantidas intrinsecamente aos indivíduos, elas dependem necessariamente do contexto social, de políticas que favoreçam o acesso ao conhecimento, às atividades de lazer, de saúde e também laborais.

FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada parcialmente pela bolsa de mestrado do Programa de Demanda Social – CAPES/MEC, da primeira autora.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

T. N. A. B. Conceitualização, análise formal dos dados, investigação, redação (preparação do rascunho original, tabulação dos dados); A. F. F. conceitualização, supervisão, redação (revisão e edição).

REFERÊNCIAS

- Andrade-Boccatto, T. N. (2016). *O sentido da vida na velhice: Uma análise histórico-cultural*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, Brasil.
- Asbhar, F. (2011). *"Por que aprender isso professora?" Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural*. São Paulo. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo-SP. Brasil.
- Brasil (2010). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, Área Técnica Saúde do Idoso. – Brasília.
- Carvalho Filho, E. T., & Papaléo Netto, M. (2000). *Geriatrics: Fundamentos, Clínica e Terapêutica* (1. ed.). São Paulo: Atheneu.
- Cesse, E. A. P. (2007). *Epidemiologia e Determinantes Sociais das Doenças Crônicas não Transmissíveis no Brasil*. Tese de Doutorado, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães - FIOCRUZ, Recife, PE, Brasil.
- Facci, M. G. D., Reis, C. W. (2016) A velhice sob o enfoque da Psicologia Histórico-Cultural. Em Martins, L. M. ; Abrantes, A. A.; Facci, M. G. D. *Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: Do Nascimento à Velhice* (1.ed). Campinas: Autores Associados.
- Facci, M. (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cad. Cedes*, (24)62, 64-81. Campinas., <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622004000100005>
- Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (2013). *Envelhecimento populacional e os desafios para o Sistema de Saúde brasileiro*. São Paulo. Recuperado de <http://www.iess.org.br/envelhecimentopop2013.pdf>.
- Klein, L., Silva, G. L. R. & Mata, V.A. (2011). Alienação ou exclusão: Refletindo o processo de "inclusão" na educação de jovens e adultos. Em M. G. D. Facci, M. E. M. Meira & S. C. Tuleski. (Orgs.). *A exclusão dos "incluídos": Uma crítica da Psicologia da Educação à Patologização e Medicalização dos Processos Educativos*, 229-257. Maringá, PR: Eduem.
- Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário.
- Martins, L. M. (2001). *Análise Sócio-Histórica do Processo de Personalização de Professores*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, SP. Brasil.
- Martins, L. M. (2011). *O Desenvolvimento do Psiquismo e a Educação Escolar: Contribuições à Luz da Psicologia Histórico e da Pedagogia Histórico-Crítica*. Tese de Livre docência, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP. Brasil.
- Meira, M. E. M. (2011). A Medicalização e a Produção da Exclusão na Educação Brasileira à Luz da Psicologia Histórico-Cultural. *Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO*, Maceió, AL. Brasil.
- Minayo, M. C. (2005). *Violência Contra Idosos: O Averso do Respeito à Experiência e à Sabedoria* (2° ed.). Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Papaléo Netto, M. (2002). *Gerontologia – A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada* (2.ed.). São Paulo: Atheneu.
- Reis, C. W. (2011). *A Atividade Principal e a Velhice: Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, Brasil.
- Safiotti, H. I. B. (1987). *O poder do macho*. São Paulo: Moderna.
- Secretaria de Direitos Humanos (2012). Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. *Secretaria Nacional de Promoção Defesa dos Direitos Humanos*. Recuperado de <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf>.

Tolstij, A. (1989). *El Hombre y la Edad*. Progreso: Moscú.

Vigotski, L. S. (2000). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (2009). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 09/08/2017
Primeira decisão editorial em: 20/12/2017
Aceito em: 14/03/2018